



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Izabella Rodrigues Martins
Julieny Pita

Resumo: Este trabalho é oriundo de uma avaliação proposta pelas disciplinas do terceiro período do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo e relata a experiência de observação e intervenção na Educação Infantil, vivenciada no Centro de Educação Infantil Criarte. O conteúdo delimitado para as intervenções foi dança e o objetivo principal era que as crianças vivenciassem diferentes tipos de danças dentro do contexto da ludicidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é oriundo de uma avaliação proposta pelas disciplinas do terceiro período do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo e objetiva relatar a experiência de observação e intervenção na Educação Infantil, vivenciada no Centro de Educação Infantil Criarte. Esta experiência divide-se em três momentos distintos: observação, primeira e segunda intervenção. O conteúdo pré-estabelecido para as intervenções foi dança, e a partir dessa delimitação, trabalhamos no sentido de explorar o universo infantil.

O presente texto inicialmente faz uma breve descrição da escola e em seguida, apresenta algumas discussões a respeito da Educação Física na Educação Infantil juntamente com o relato das intervenções e outras problematizações.

CONTEXTO DA ESCOLA

Para a experiência de observação e intervenção, escolhemos o Centro de Educação Infantil Criarte, localizada na Universidade Federal do Espírito Santo. A escola possui um grande acervo de materiais e amplo espaço físico como: sala de expressão corporal, dois pátios, sala de vídeo, etc. O corpo docente é composto de vinte professores, auxiliados por mais vinte e oito estagiários pedagógicos.

Para a experiência, escolhemos trabalhar com o grupo IV, composto por sete meninas e dez meninos com idade entre quatro a cinco anos, dois destes alunos são deficientes, uma menina (com um dos braços desenvolvido somente até a metade) e um menino (portador da síndrome de Edwards). A turma tem características peculiares, os alunos são bastante agitados e a desordem e indisciplina são características em voga na sala. São frequentes algumas situações de conflito entre eles, ocasionadas principalmente pelo comportamento egocêntrico de algumas crianças.

A partir destas observações, tentamos planejar intervenções que respeitassem as especificidades da criança e as características dos alunos observados, como discutiremos a seguir.

UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Os estudos a cerca da Educação Física na Educação Infantil são recentes, bem como a nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que define como primeira etapa da educação básica a Educação Infantil, entendida como uma educação para crianças de zero a seis anos de idade. Muito se discute sobre quais devem ser os conteúdos de ensino nesta etapa da educação, entretanto, apesar de sua pertinência, este debate ainda não é consensual. É importante destacar que a Educação Física ainda busca por sua legitimidade nesta etapa de ensino. Um dos problemas determinantes para a não legitimação da Educação Física no Ensino Infantil, é que ainda não foram elaboradas propostas pedagógicas para a Educação Física nessa etapa singular da educação, assim como salientam Klippel, Santos e Mello (2010)

Uma análise das concepções teórico-metodológicas de ensino e das práticas pedagógicas desenvolvidas pela/na Educação Infantil, principalmente a partir da década de 1990, evidencia que elas foram produzidas para o ensino fundamental e incorporadas pela educação infantil, mesmo não considerando as especificadas da infância e do ser criança.

Em diversas instituições de ensino infantil do Brasil não existe a presença do professor de Educação Física, como no caso da CRIARTE onde as aulas de Educação Física são substituídas pelas aulas de “Expressão Corporal”, que consiste em um tempo livre para os alunos brincarem no pátio, sem qualquer tipo de planejamento e mediação de um professor. Já em outras instituições de ensino, o professor de Educação Física é visto como um dinamizador, que confere aos professores regentes “tempo livre” para a elaboração de planejamentos. Assim retornamos ao paradigma que perpetua no contexto escolar, de que a Educação Física não produz conhecimento e/ou não o veicula.

Partindo disso, e entendendo a necessidade de se trabalhar com a criança em suas diversas linguagens, o movimento entendido como linguagem corporal também ganha centralidade (Brougère, 1998). Assim, compreendemos a importância da Educação Física na Educação Infantil como auxiliadora no processo de socialização da criança e da sua compreensão de mundo a partir das práticas corporais, e também como importante aliada no processo de desenvolvimento de habilidades motoras.

A partir desta análise, as intervenções na CRIARTE foram pensadas levando em consideração a importância do brincar e entendendo que o espaço lúdico permite ao indivíduo criar e entreter uma relação aberta e positiva com a cultura (Brougère, 1998). O conteúdo delimitado foi a dança, porém optamos por trabalhar com brincadeiras historiadadas cujo objetivo principal era a prática de diferentes tipos de dança, entendendo que, na EF Infantil as danças, músicas, histórias e as diversas manifestações corporais só ganham sentido no contexto do jogo, da ludicidade (KLIPPEL; SANTOS; MELO, 2010). A partir das brincadeiras historiadadas e do ambiente lúdico, é possível que os alunos façam relações entre o imaginário e o real, sendo que “ao brincar e jogar, as crianças vão se constituindo como sujeitos de sua experiência corporal, organizando com autonomia suas ações e interações [...]” (KLIPPEL; SANTOS; MELO, 2010). Partimos também do pressuposto de que é preciso definir o brincar como um modo de



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

ser e estar no mundo, assim o lúdico torna-se um dos princípios para a prática pedagógica, assim como apontam Beauchamp, Pagel e Nascimento (apud, KLIPPEL; SANTOS; MELO 2010).

Reconhecendo a importância do trabalho a partir de projetos, para a construção das intervenções tomamos como ponto de partida o projeto de sala que vem sendo trabalhado pela professora regente, projeto este, que tem como tema central os bichinhos do fundo do mar.

A primeira intervenção teve como tema “A festa na ilha dos bichinhos”, a partir dos bichos que eles já haviam estudado, construímos uma história cujo objetivo principal era que os alunos vivenciassem diferentes tipos de danças, seguidos de outros objetivos específicos como: identificar diferentes partes do corpo e respeitar as diferenças. Criamos um cenário que remetia à idéia de uma ilha, com árvores e pedras, também confeccionamos diferentes máscaras de bichinhos do mar (peixe, tartaruga e tubarão) que juntamente com as crianças foram os principais personagens da história. A aula iniciou-se na sala, onde fizemos uma roda com os alunos e posteriormente uma série de indagações sobre quais bichinhos do mar eles já conheciam, ouvimos a opinião das crianças em relação a esses bichos e também algumas histórias vividas por eles. É importante ressaltar que o movimento de dar voz à criança e reconhecê-las como sujeito de direito, é um grande passo na busca por uma Educação Física focalizada nas crianças (KLIPPEL; SANTOS; MELO,2010).

Começamos a contar a história, na qual os bichinhos do mar estavam preparando uma festa na ilha e procuravam por convidados. Ao convidarmos as crianças para a festa, elas logo se mostraram bastante entusiasmadas, e logo indagamos sobre como poderíamos chegar até a ilha. Elas sugeriram diversas possibilidades como: ir nadando, ir de avião, ir de canoa e ir de barco. Mediante às sugestões, optamos pelo frete de um barco, que por sua vez foi representado por um elástico envolvido por TNT. Todos entraram a “bordo”, o aluno com necessidades especiais foi o nosso “comandante”, e os demais foram empurrando a cadeira de rodas, que se posicionou bem à frente do barco. Durante o percurso da sala até a ilha, sugerimos que os alunos cantassem uma música, eles optaram pela canção “A canoa virou” e todos cantaram. No decorrer do percurso os professores caracterizados de diferentes bichinhos do mar, ficaram escondidos e se comunicavam com as crianças após serem avistados pelas mesmas. O primeiro bichinho encontrado foi o peixe seguido do tubarão e da tartaruga, as crianças ficaram animadíssimas ao se depararem com os animais e logo os convidaram para irem à festa com elas. Ao chegarmos à ilha, realizamos três atividades com os alunos: “Siga o mestre”, “Estátua” e “Dança da cadeira”, emergiram alguns pontos relevantes no decorrer destas brincadeiras. O que destacamos aqui como o mais marcante, foi o fato das crianças terem uma imensa dificuldade em reconhecer o outro como parceiro, agindo assim com atitudes egocêntricas. Na primeira e última atividade, respectivamente “Siga o mestre” e “Dança da cadeira”, esse comportamento mostrou-se ainda mais evidente. Em diversos momentos a aula era interrompida em função de desentendimentos entre os próprios alunos. Eles brigavam pelo primeiro lugar na fila, pelo posicionamento ao lado dos professores e por outras coisas mais, como por exemplo, no “Siga o mestre”, quando um aluno era o mestre os demais não o



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

reconheciam como tal, e assim não o imitavam. Na “Dança da cadeira”, outra situação conflituosa se instaurou, alguns alunos choravam por não conseguirem sentar na cadeira, e ainda agrediam o colega que havia conseguido o lugar. A brincadeira mais bem sucedida foi a “Estátua”, onde as crianças a partir da música “Estátua” da Xuxa identificaram as partes do corpo, dançaram e fizeram diferentes poses.

É importante destacar que, o comportamento egocêntrico dos alunos é explicável à luz da teoria Piagetiana, na qual as crianças dessa faixa etária encontram-se na fase pré-operatória do desenvolvimento, e assim como salientam Davis e Oliveira (1994, p.41):

O pensamento pré-operatório indica, portanto, inteligência capaz de ações interiorizadas, ações mentais. Ele é, entretanto, diferente do pensamento adulto, como é fácil de se constatar. Em primeiro lugar, depende das experiências infantis, refere-se a elas, sendo portanto um pensamento que a criança centra em si mesma. Por esta razão, o pensamento pré-operatório recebe o nome de *pensamento egocêntrico* (ou seja, centrado no ego do sujeito). É um pensamento rígido (não-reflexível) que tem como ponto de referência a própria criança.

A partir desse entendimento, é importante ressaltar que há limites em relação à criança que não devem ser ultrapassados, ou seja, o comportamento egocêntrico não é um problema a priori, e sim uma característica de uma fase de desenvolvimento da criança, uma vez que ela começa a ser inserida no processo de socialização. Assim, podemos destacar que as atividades causadoras de conflitos não se adequaram positivamente ao perfil dos alunos e às características das crianças nessa etapa de desenvolvimento.

Partindo desta perspectiva, a segunda intervenção foi pensada levando em consideração as situações ocorridas na primeira aula. Optamos novamente por trabalhar com brincadeiras historiadas, e com o conteúdo dança, pré-estabelecido pelos orientadores. O objetivo principal desta intervenção era que novamente os alunos vivenciassem diferentes tipos de dança, seguido de outros objetivos específicos como: identificar as partes do corpo e cooperar com o outro na execução das atividades. O tema da aula foi a “Caça ao tesouro”. Trabalhamos com um circuito, e para isso, criamos um ambiente lúdico repleto de obstáculos coloridos, também confeccionamos máscaras de bichinhos (coelho, elefante e sapo) e utilizamos um fantoche de um macaco. Inicialmente, com as crianças em sala, fizemos um feedback a respeito da primeira intervenção, resgatando alguns pontos interessantes da aula.

A história dessa vez teve como cenário a floresta da ilha, contamos às crianças que o sapo cururu havia escondido um tesouro e que tínhamos que encontrá-lo, só que para isso precisaríamos da ajuda de alguns bichinhos. Ao falarmos do sapo, as crianças logo associaram o animal a um bicho nojento e malvado, e assim expressaram diversas reações, entre elas, medo. O circuito era composto de obstáculo e de tarefas a serem cumpridas. Em cada etapa do circuito as crianças eram ajudadas por diferentes bichinhos que, em troca da ajuda propunham desafios dançantes aos alunos, entre eles, dançar músicas referentes às partes do corpo. As crianças entenderam que para



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

passarem pelas etapas todos tinham que cumprir as tarefas em conjunto, caso contrário, não conseguiriam alcançar o “tesouro”.

Esta intervenção foi marcada pelo comportamento tranquilo dos alunos, que durante todas as atividades permaneceram atentos, envolvidos e participativos, sendo inexistentes situações de conflito entre eles.

As aulas tiveram como métodos avaliativos filmagens e desenhos. Ao final de cada intervenção, distribuímos folha e lápis de cor para que as crianças desenhassem o que mais gostaram na aula, elas desenharam bonecos (que eram representações dos professores), o sapo, o tesouro, etc. Esse método de avaliação é importante, tendo em vista que a partir dos desenhos é possível entender o que realmente foi significativo para a criança na aula. As filmagens foram grandes auxiliadoras no planejamento das intervenções, onde foi possível analisar o comportamento dos alunos nas diferentes atividades, e assim planejar brincadeiras que respeitassem os limites impostos por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções foram muito significativas e nos levaram a uma reflexão sobre a importância de reconhecer a criança como um sujeito dotado de direitos, e de respeitar as suas características. O movimento de dar voz às crianças foi de extrema relevância, visto que as aulas foram planejadas de acordo com o que era significativo para elas, e neste caso se a dança não estivesse inserida no contexto da ludicidade, a experiência não haveria sido tão expressiva para os alunos, uma vez que ao serem indagados sobre o que mais gostaram das aulas, logo eles fizeram referência aos bichinhos, ao tesouro, ao barco, etc.

Por fim, são muitos os desafios a serem enfrentados pela Educação Física no Ensino Infantil, entretanto, reconhecendo a importância da nossa prática, acreditamos que é possível construir uma Educação Física para a criança, onde o universo infantil deve ser colocado como eixo central.

REFERÊNCIAS

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, W.; NUNES, K.R. **Educação Física na Educação Infantil**: um projeto coletivo para intervenção no cotidiano escolar. Vitória: PROTEORIA, 2007.

KLIPPEL, M. V.; COSTA, F. R. da ; Santos, W. dos . **O jogo e a infância**: contribuições da Educação Física na Educação Infantil.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n.2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007#back> Acesso em: 15 nov. 2011.